DIABO

SIERRA SIMONE

TRADUÇÃO
GONÇALO SIMÃO

FICÇÃO · ROMANCE

Para o Josh, que não é o diabo,
mas que ainda assim me faz waffles,
e para a mão esquerda da Julie.

NOTA SOBRE O CONTEÚDO

Diabo é um dos livros mais *dark* que já escrevi.

Não quero dizer que seja o romance com mais temas *tabu*, já que considero que o romance tabu e o *dark romance* são duas categorias distintas, embora muitas vezes se sobreponham. Contudo, embora haja bastantes temas tabu nestas páginas, as personagens também se conhecem e criam uma ligação através da escuridão.

Neste livro, a transgressão é uma linguagem do amor partilhada. A obsessão e a possessão são temas centrais. O Ryan Bell é má pessoa.

Quero deixar esta última parte bem clara, porque os últimos três livros da série tinham heróis do tipo pecador *divertido*. Podiam ser atrevidos e tomarem decisões duvidosas, mas tinham um bom coração. O Ryan não tem.

Na verdade, tenho dúvidas se terá sequer um coração. Talvez seja por isso que está tão obcecado com o da Birdie.

Diabo é um livro muito diferente dos outros, pelo que quero que estejas ciente disso antes de começares a ler. É uma história sobre consentimento duvidoso; sobre solidão, fixação e transgressão[1]. É uma reflexão de como estas duas personagens fictícias se podem encaixar nestes temas.

Pode ser um livro perturbador para alguns. Ainda que não por si só, mas ser uma mudança perturbadora no mundo em grande parte feliz e, por norma, (como considero) ético dos irmãos Bell. Quero que saibam isto antes de perderem tempo com um livro que possa ser emocionalmente desestabilizador ou desagradável.

Não é muito comum começar um livro com um pedido para que penses duas vezes antes de o leres, mas, por favor, por favor!, dá uma vista de olhos aos avisos de conteúdo antes de o começares a ler. Não há problema nenhum se precisares de saltar este livro. Podemos voltar a encontrar-nos na história do padre Jordan.

---

1 No original «violation». (*N. de T.*)

Para terminar, se alguma vez te sentires como a Birdie se sente em vários momentos desta história, quero que saibas que não acontece só contigo e que há pessoas que te podem ajudar.

Cuidem dos vossos corações. Eles são maravilhosos e merecem ser cuidados.

Com amor,
sierra

PS: As opiniões das irmãs Cooper sobre Tonganoxie são delas e, na verdade, têm mesmo que ver com traumas familiares. Tonganoxie é uma cidadezinha muito simpática e lamento ter feito com que as Cooper fossem tão infelizes lá.

AVISOS DE CONTEÚDO

Saúde mental: personagem principal com ansiedade generalizada; comentários depreciativos sobre uma personagem secundária cujas escolhas advêm de uma possível doença mental não tratada; referências a experiências difíceis no âmbito dos cuidados de saúde mental por parte de uma mãe e uma irmã numa sala de urgências, anos antes do início da história (capítulo 20); representação positiva de cuidados hospitalares (capítulo 42); breves referências não especificadas a um passado de abuso de drogas e álcool por parte de uma personagem secundária.

Automutilação: momentos dispersos de ideação suicida passiva e não especificada; três momentos de inação que podem ser considerados comportamentos suicidas (capítulo 9, uma personagem considera esperar que uma inundação a alcance; capítulo 10, uma possível infeção; capítulo 42, condições meteorológicas severas); referências dispersas à irmã de um protagonista que se suicidou vinte anos antes do início da história (as consequências são descritas em detalhe nos capítulos 26 e 38); referências à mãe de um protagonista que morreu por afogamento dezoito anos antes do início da história (o tema é discutido, mas não é descrito, nos capítulos 38 e 42), morte essa que a protagonista crê ter sido suicídio, ainda que tenha sido declarada como acidente em relatório oficial.

Conteúdo sexual: consentimento dúbio; sonofilia consensual; uma situação planeada e consensual de uso livre[2]; linguagem humilhante usada pelo protagonista masculino durante o sexo com a protagonista feminina (o que é apreciado pela protagonista feminina).

Violência sexual: referências à irmã de um protagonista que foi vítima de abuso por parte de um membro do clero (ocorre vinte anos antes do início da história e não é descrito); referências não especificadas a abuso clerical sistémico na Igreja; menções implícitas, mas não descritas, de violência entre parceiros

[2] Uso livre (ou *free-use*) é a prática sexual em que o parceiro pode iniciar o sexo quando e onde quiser sem ter de pedir permissão. (*N. de T.*)

íntimos e de abuso sexual durante o exercício de trabalho sexual (ambos em relação a uma personagem secundária).

Violência: perseguição por parte do protagonista masculino; gravações sem consentimento da protagonista feminina por parte do protagonista masculino; uma breve descrição de violência doméstica entre duas irmãs (capítulo 9); morte do pai e dos avós da protagonista feminina num acidente rodoviário treze anos antes do início da história; agressões feitas à protagonista feminina por parte do ex-namorado da irmã que resulta em vários dedos partidos (acontece três anos antes do momento presente, mas é descrito com brevidade nos capítulos 11, 33 e 42).

Outros: personagens que se conhecem quando o protagonista masculino é um aluno do quarto ano da faculdade e a protagonista feminina é sua professora; perda de casa (devido a condições meteorológicas severas); falta de meios para pagar os custos associados a cuidados médicos; pobreza; alusão a um aborto espontâneo precoce na adolescência de uma personagem secundária que acontece vinte anos antes do início do livro (referido, mas não descrito).

Então a serpente disse à mulher: Certamente, não morrereis.
Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes,
se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus,
sabendo o bem e o mal.

– Génesis 3:4-5 (ARC)

PRÓLOGO

O diabo está em Main Street, com as suas grandes asas recolhidas, a luz do sol a coroá-lo com uma dourada aura celestial… e a projetar-lhe no rosto sombras estranhas e inquietantes. Está nu, não fosse pelo pedaço de tecido esculpido à volta das ancas, e é aparente que não tem vergonha de estar assim, dada a altivez do queixo e a arrogância que lhe percorre o corpo musculado.

Uma mão de madeira aponta para leste, na direção da Estrela da Manhã. Uma pista para quem não consiga ver os chifres escondidos na sua complexa profusão de caracóis, esculpidos na perfeição, embora não perceba como é que alguém precisaria de tal coisa depois de ver aquela expressão. Ao longe, a estátua parece ensimesmada, atormentada e quase terna, mas quanto mais nos aproximamos, mais malícia vemos naquela boca finamente esculpida, mais ardor e petulância se veem naqueles olhos.

– Foda-se – diz o meu irmão Sean, fitando de olhos semicerrados o rosto da estátua. – *És* tu!

Sean olha para mim de soslaio.

– Porque é que há uma estátua do diabo com a tua cara, esta manhã, em frente à Câmara Municipal? – continuou.

O coração bate-me contra as costelas enquanto contorno a escultura; tenho a boca seca de tanta excitação.

– Não sei – digo por fim.

Sinto as faces a arder, o sangue e a adrenalina a correrem-me pelo corpo.

– Pareces irritado – observa o Sean.

De seguida, pergunta secamente:

– Precisas de falar sobre o que estás a sentir?

O problema de ter um irmão com idade suficiente para ser teu pai é que, muitas vezes, ele age como se fosse teu pai, o que já não me incomoda tanto quanto costumava incomodar. Passei os últimos sete anos a aperfeiçoar a minha máscara e já me assenta tão bem que quase acredito no tom fleumático da minha voz:

– Eu não estou irritado.

É mentira. *Estou* irritado, mas a irritação está entrelaçada com demasiadas outras coisas (desejo, obsessão, alívio, ânsia) para lhe poder chamar só irritação.

Quando volto a passar pela frente da estátua, sorrio-lhe, mesmo com esta urgência metálica e angustiante a bombear pelas minhas veias. Sorrio porque a artista não poupou nos detalhes ao talhar o torso esbelto e poderoso do diabo, apesar de saber que teve de usar a imaginação para a maior parte.

Sorrio porque ela me imaginou.

Até os pelos abaixo do umbigo do diabo, que vão afunilando até ao pano que lhe assenta nas ancas, foram esculpidos com caracóis achatados para combinar com os caracóis da cabeça. É o tipo de detalhe em que não se pensa, a menos que se tenha pensado bastante no corpo de alguém.

Oh, Birdie. Estás metida em sarilhos e ainda nem sequer sabes disso.

A mão estendida do diabo capta quase toda a minha atenção, as ténues linhas dos nós dos dedos, a suavidade das unhas, as articulações e tendões definidos na perfeição. A estátua é um pouco maior do que a escala real e está sobre um pedestal de madeira, por isso, só preciso de me baixar um pouco para olhar para a sua palma virada para baixo.

Ao contrário do resto da madeira, que é clara e de grão tão fino que o veio quase desaparece, a palma da mão do diabo está manchada com um grande nó que se encontrava escondido no interior da árvore. Uma deformação no tronco formado há cem anos, revelado apenas quando uma rapariga bonita teve a ideia de pegar num cinzel e esculpir a mão do anjo mais belo de Deus.

Endireito-me, com fúria, alegria e triunfo a percorrerem-me o corpo. Sete anos depois e é assim que a encontro.

– Alguém faz ideia de quem deixou isto aqui? – pergunto ao meu irmão.

O Sean olha para a estátua e depois para mim, com os olhos semicerrados como se estivesse a ponderar algo.

– Deve haver uma guia de transporte – diz após um minuto. – Ninguém consegue mover uma coisa destas sem equipamento.

Assinto com a cabeça e sorrio para cima, para o diabo, para o meu próprio rosto de madeira, esculpido com tanta precisão, com tamanha nitidez, que deve ter sido, à sua própria maneira, uma forma de devoção.

Fala do diabo, Birdie Cooper, e ele aparecerá.

PARTE UM
HÁ SETE ANOS

Capítulo 1

BIRDIE

Acho que as maçãs começaram a aparecer na segunda semana. Não foi na primeira semana, ter-me-ia lembrado. Foi algures após a terceira ou quarta sessão no estúdio.

Fora à despensa onde guardava as minhas coisas e encontrei a primeira maçã na minha secretária quando voltei. Era grande, brilhante, vermelha… e, mais importante, não estava lá quando saíra.

Não tinha a certeza se era para mim. Deixar maçãs em cima de secretárias é coisa para professores do ensino básico, não para professores universitários, além disso, dizer que eu era professora era um pouco exagerado; fora engrupida a fazer este trabalho de professora substituta em Evelyn College à última hora, apesar de nunca ter ensinado formalmente e de evitar a todo o custo falar em público por causa da minha ansiedade cataclísmica.

Este não era nem o meu currículo, nem o meu estúdio, nem o meu verdadeiro trabalho. Não era suposto eu estar aqui e, por isso, a maçã não era para mim.

Deixei-a em cima da secretária, apaguei as luzes e caminhei pela glacial escuridão de janeiro até ao meu chaço. O mês de janeiro no Kansas é um pesadelo ventoso, mas, naquele inverno, acolhi-o de braços abertos porque isso significava que os meus tremores, sempre intensos antes, durante e depois de uma aula, pareciam normais.

Eu não estava fodida da cabeça. Não estava aterrorizada, mesmo quando não tinha motivo para estar aterrorizada, quando a minha ansiedade parecia não ter uma causa ou um gatilho que a espoletasse. Um medo e um nervosismo que me eram inatos, um primo trémulo do pecado original que se aninhara na minha alma ainda no útero.

Estava apenas frio e nada mais, era só o mês de janeiro. Toda a gente tremia em janeiro.

*

A segunda maçã apareceu com um pedaço de papel arrancado de um bloco de desenho, com o meu nome escrito com cuidado, a marcador: *Senhora Cooper*.

O rubor foi imediato, e um envergonhado ardor formigante tomou conta do meu pescoço, faces e palmas das mãos, apesar de não conseguir explicar a mim mesma porque é que me sentia envergonhada e porque é que o presente me parecia, de alguma forma, uma provocação. Talvez tivesse sido o «*Senhora Cooper*», como se eu fosse de facto uma professora e não apenas um corpo quente a quem pediram para preencher uma vaga num estúdio quando mais ninguém estava disponível. Como se quem deixou a maçã soubesse tão bem como eu que pôr-me como responsável por uma sala cheia de alunos era uma piada.

E eu dissera-lhes… Dissera-lhes para me tratarem por Birdie. Tinha vinte e nove anos na altura, era só sete ou oito anos mais velha do que eles, e sentia-me desajustada e ridícula ao apresentar-me como *senhora* qualquer coisa. Sentia-me completamente parva ao pedir qualquer tipo de respeito verbal. Fosse como fosse, a maior parte dos alunos era de Belas Artes e estavam habituados a um certo nível de informalidade. Quando me apresentei como Birdie, nem pestanejaram.

Ninguém me tratava por senhora Cooper. Nem os irmãos. Nem sequer os padres.

Também não fiquei com a segunda maçã, nem tirei o bilhete. Deixei ambos onde estavam, caminhei até ao meu carro no escuro e tremi no banco do condutor até as saídas de ar começarem a soprar um ar quente e metálico, e então lembrei-me do caminho para casa.

A terceira maçã apareceu da mesma forma, com um pedaço de papel rasgado de um bloco de desenho e o meu nome escrito a marcador. O estúdio havia sido preparado para desenharmos modelos vivos e de natureza morta (modelos, um gato emprestado, fruta) e, sem exceção, os alunos usavam lápis. Podiam usar lápis de cor, de grafite, de carvão, de pastel… mas usavam sempre lápis. Não vira um único marcador durante as últimas duas semanas.

Olhei para baixo, para a maçã, e repeti para mim mesma tudo o que lera *online* sobre perturbações de ansiedade. Tudo o que aprendera com aquele orientador bem-intencionado quando era aluna de Evelyn College: eu estava bem. Estava aqui, no meu corpo. O meu cérebro só me tentava proteger ao ver se identificava algum perigo, mesmo que não houvesse nenhum naquele preciso momento e mesmo que eu nunca tivesse estado mesmo em perigo. Era só o meu cérebro; o meu cérebro avariado.

A maçã devia ser de algum aluno simpático ou talvez de um aluno tão esquisito como eu, e de certeza que não sabia que eu passava todas as aulas naquele estúdio a tremer em silêncio atrás da secretária, com a certeza de que todos me viam como a fraude que eu era e o quão embaraçosa era.

Não era *embaraçada*, ou não era apenas isso, mas *embaraçosa*.

Era tudo algo da minha cabeça. Não era real. Ninguém me estava a tentar humilhar com maçãs.

Mesmo assim, não consegui pegar nela.

*

Na vez seguinte em que entrei no estúdio para arrumar os cavaletes e as cadeiras antes da aula, já lá estava uma maçã à minha espera. Uma suculenta esfera carmesim, a refletir um brilho lustroso na sua curva superior.

O bilhete por baixo dizia o mesmo que o anterior: *Senhora Cooper*.

Olhei em volta, apesar de não valer a pena fazê-lo. Estava trancado quando cheguei e vazio quando entrei. Quando espreitei para o corredor, estava cheio de alunos a sair das aulas da tarde. Nenhum deles estava à porta do estúdio nem a observar-me.

Fui buscar a maçã e o bilhete. Além de serem uma maçã fresca e um bilhete novo, não havia nada de diferente em relação à última vez. Porém, algo me provocou arrepios e pequenas vibrações na nuca, como se estivesse a ser observada. Como se isto fosse uma prenda com segundas intenções.

Só dava aulas àquela turma, o que significava que as maçãs tinham de ser de um dos meus alunos. Esse aluno estaria aqui dentro de alguns minutos, por isso, não queria deitar a maçã fora e arriscar que quem a dera a visse no lixo. No entanto, também não queria ficar com ela. Ficar com ela parecia… nem tinha bem a certeza o quê. Aceitar alguma coisa, concordar com algo, e eu não era capaz disso nem nas melhores circunstâncias.

Estávamos a desenhar frutas naquele dia, portanto, pus a maçã na taça com o resto da fruta, peras, laranjas e bananas, e guardei o bilhete no bolso a tempo de começarem a chegar os primeiros alunos. Estavam a falar sobre voluntariado; Evelyn College era uma escola jesuíta e, como tal, os atos de serviço eram encorajados. *Bastante* encorajados. Não eram um requisito para obter um diploma, mas eram um bom investimento para quem esperava candidatar-se a uma pós-graduação numa instituição conceituada, como Loyola ou Georgetown, e os prémios anuais por serviço prestado eram um bom complemento para o currículo.

Como de costume, mantive-me atrás da secretária enquanto os alunos se acomodavam e preparavam as suas coisas. Na verdade, eles não precisavam de mim, uma vez que os alunos do terceiro e quarto anos sabiam o que eram sombreados e proporções, e como se afia um lápis de carvão sem o partir. Estava ali sobretudo para marcar as presenças e apagar as luzes no fim.

De qualquer forma, era mais seguro estar atrás da secretária. Podia desaparecer naquele canto, com o enorme e metálico armário de material entre mim e a porta. Era como um refúgio para coisas delicadas e amedrontadas, como eu.